Adélia Prado: uma nova voz lírica brasileira (I)

Carolyn RICHMOND

... tenho meus prantos,
claridades atrás do meu estômago humilde
e fortíssima voz pra cânticos de festa.

A voz de Adélia Prado: sensível e forte. Ela emana da simplicidade da vida cotidiana e se eleva, melodiosa e autêntica. Uma voz de mulher, uma voz de poetisa, uma nova voz lírica brasileira.

Apesar de alguns de seus poemas terem sido publicados entre 1971 e 1975, a totalidade da visão criativa de Adélia começou a se revelar realmente na primavera de 1976 com a publicação do seu primeiro livro de poesias, *Bagagem* (Rio de Janeiro, Imago Editora, Ltda.) Este estudo tem a finalidade de servir de apresentação geral deste livro belo e original — um trabalho que estabelece com firmeza a importância dessa poetisa de quarenta anos de idade nas letras brasileiras contemporâneas.

Cantiga triste, pode com ela
é quem não perdeu a alegria.

O próprio título desse pequeno poema, «Toada», sugere música. A voz de Adélia abrange uma grande variedade de sentimentos, da felicidade à tristeza. Na verdade, esses dois extremos, tão básicos em seu universo, são previstos na segunda das cinco epígrafes de *Bagagem*, parafraseando o sexto versículo do Salmo 126, que reproduzimos aqui: «Chorando, chorando, sairão espalhando as sementes. Cantando, cantando, voltarão trazendo os seus feixes». Numa crônica de outubro de 1975, Carlos Drummond de Andrade disse: «Adélia é lírica, bíblica, existencial, faz poesia como faz bom tempo.» Sua poesia, imbuída de profunda e autêntica fé em Deus, tem suas raízes no ordinário; a partir dos mais insignificantes detalhes da vida cotidiana, ela cria um todo. Através de um processo intuitivo de associações diretamente relacionadas com os sentidos, ela evoca do presente um passado que afinal leva à autodescoberta. Num poema intitulado «A Cantiga», ela recorda a voz de uma mulher cantando uma canção popular:

«Ai cigana, ciganinha,
ciganinha meu amor.»

Recriando a lembrança desse momento, ela o transforma, incorporando a música em si própria:

... a voz de bambu rachado
continua tinindo, esganiçada, linda,
viaja pra dentro de mim, o meu ouvido
[cada vez melhor.

Finalmente a voz de Adélia se manifesta:

Canta, canta, mulher, vai polindo o
[cristal,
canta mais, canta que eu acho minha
[mãe,
meu vestido estampado, meu pai tirando
[bóia da panela,
canta que eu acho minha vida.

As muitas nuanças encontradas nos poemas de *Bagagem* correspondem à grande variedade de temas do livro. O tom, de um modo geral, poderia ser caracterizado como sendo profundamente lírico, mas em algumas das poesias aparece também um humor irônico que lembra os grandes poetas do Modernismo brasileiro. A poesia de Adélia, altamente individual em sua totalidade, incorpora, sempre organicamente, uma variedade de fontes. Seu lirismo deve muito à melodia e ritmo do português coloquial falado em Minas Gerais. Ao mesmo tempo sente-se em sua obra a influência da *Bíblia* e o eco de Guimarães Rosa.

Em um poema intitulado «A Invenção de um Modo» Adélia diz:

... tudo o que invento já foi dito
nos dois livros que eu li:
as escrituras de Deus,
as escrituras de João.
Tudo é Bíblias. Tudo é Grande Sertão.

Sente-se a presença espiritual e lingüística de Guimarães Rosa em numerosos poemas; na verdade, um, «poema com absorvências no totalmente perplexas de Guimarães Rosa», é uma espécie de homenagem a seu compatriota. A poesia da *Bíblia*, especialmente a dos «Salmos» e do «Cântico dos Cânticos», de Salomão penetra nas páginas de *Bagagem*, assim como a poesia da missa e de outros rituais da Igreja Católica. Em um poema intitulado «Reza para as Quatro Almas de Fernando Pessoa», Adélia revela uma apreciação toda especial por Álvaro de Campos:

Da belíssima «Ode à Noite Antiga» ela escreve:

resulta que eu entendo, limpo de esforço
e vaidade, se nos fosse possível:
da oração verdadeira nasce a força.

O humor encontrado em *Bagagem* lembra a ironia e a inventividade lingüística dos modernistas brasileiros. O relacionamento de Adélia com Carlos Drummond de Andrade é particularmente complexo: enquanto um poema, «Agora ó José», constitui uma homenagem ao poeta, outro, intitulado, «Todos Fazem um Poema a Carlos Drummond de Andrade», sugere uma atitude psicológica extremamente complicada: um toque de inveja somado a um desejo de aprovação. Um dos melhores exemplos do senso de humor de Adélia é uma paródia do Romantismo intitulado «Bilhete (em Papel Rosa)», e dedicada *«Ao meu Amado Secreto Castro Alves.»*

Tanto em linguagem quanto em composição, a poesia de Adélia vai do erudito ao popular. Através do uso freqüente de associações de idéias e elipses, ela literalmente pula de uma idéia a outra, forçando o leitor a segui-la como puder, para acompanhar o ritmo de sua imaginação. Ela tem um singular amor por certas palavras e frases que parece revolver repetidas vezes na mente até fazê-las emergir de novo. Apesar de freqüentemente evocar o espírito e a métrica das formas poéticas tradicionais, seu estilo se caracteriza melhor no verso livre. Em um poema intitulado «A Poesia», ela própria descreve sua poesia como «versos de ingrato ritmo.»

Tematicamente os poemas de *Bagagem* refletem uma série de dualidades fundamentais que acompanham dois extremos do espectro emocional: tristeza e felicidade — o *chorando-cantando* mencionado no princípio deste estudo. Adélia constantemente contrasta o físico com o espiritual, o presente com o passado, a vida na terra com a vida no além, o amor humano com o amor de Deus. Junto a essas dualidades básicas, há outra, que, apesar de não ser especificamente expressa, é sugerida o tempo todo: a dualidade homem-mulher. Esses opostos são apresentados contra um exuberante cenário de natureza e de vida cotidiana, no qual os sentidos da poetisa agem como veículos primários de comunicação. O terceiro poema do livro, intitulado «Sensorial», afirma a importância dessa abordagem essencialmente não-intelectual no processo criativo:

Amor, tem que falar meu bem,
me dar caixa de música de presente,
conhecer vários tons pra uma palavra só

afirma a poetisa, enfatizando a importância da música e da palavra falada, o papel do ouvido e da voz. Baseando-se no contraste primário entre o humano e o divino, ela chega a sugerir duas formas diferentes de lidar com essa dualidade:

Espírito, se for de Deus eu adoro,
se for de homem eu testo
com meus seis instrumentos.

Adélia, viva, usará todos os seus sentidos para captar esta vida terrena, sabendo que um dia ela também passará da luz para a sombra;

Procuro sol, porque sou bicho de corpo.
Sombra terei depois, a mais fria.

Essas antíteses não permanecem separadas para sempre. Pelo contrário, elas se combinam misteriosamente numa síntese de otimismo e alegria. Nesse processo o específico se transforma no universal, a sociedade e a natureza de Minas se tornam as do mundo, a vida e a família de Adélia Prado representando simbolicamente apenas uma geração nas eternas repetições da vida na terra. É uma síntese de enorme vitalidade na qual, através do amor e da poesia, a alegria vence a tristeza.

Cantiga triste, pode com ela
é quem não perdeu a alegria

Essas são as palavras de Adélia em sua «Toada». Nessa síntese as diferenças biológicas, sociais e psicológicas entre masculino e feminino se resolvem numa harmonia que é a condição humana. Assim Adélia Prado, «mulher do povo, mãe de filhos, Adélia,» como ela própria se descreve em «Grande Desejo», é também *o poeta* — o bardo universal. Como que para enfatizar esse papel, ela adota uma voz masculina em alguns de seus poemas, inclusive o poema final, cuja função é de importância vital na estrutura geral do livro. Adélia procura captar o eterno, procura conseguir através da poesia aquela misteriosa e maravilhosa união com o Divino, buscada por Salomão e pelos grandes místicos. O tema da poesia, é, portanto, a espinha dorsal de seu livro — um *leitmotiv* que constantemente reaparece através da obra. O poeta é inspirado por Deus:

... mercê de Deus, o poder que eu tenho
é de fazer poesia,

escreve Adélia em «Tabaréu». Em outro maravilhoso poema, «Antes do Nome», onde ela relaciona a criação poética ao primeiro capítulo do Gênesis, Adélia afirma:

Não me importa a palavra, esta
[corriqueira.
Quero é o esplêndido caos de onde emerge
[a sintaxe

Mais adiante ela escreve:

Quem entender a linguagem entende Deus
cujo Filho é Verbo. Morre quem entender

Ela se aproxima do momento da comunhão invocando o poder do silêncio:

A palavra é disfarce de uma coisa mais
[grave, surda-muda,
foi inventada para ser calada.

Finalmente ela captura brevemente o verdadeiro momento da criação, em que o poeta se une à palavra:

Em momentos de graça,
infreqüentíssimos
se poderá apanhá-la: um peixe vivo com
[a mão.
Puro susto e terror.

Bagagem contém um total de 108 poemas, a maioria bastante curtos. O mais breve tem apenas dois versos e o mais longo tem aproximadamente uma página e meia de extensão. Todos os poemas têm título. O livro é dividido em quatro seções principais: a primeira com 66 poemas — isto é, mais da metade do volume, e as três restantes de extensão mais ou menos igual.

O livro propriamente dito e cada uma das seções são introduzidos por epígrafes que dão um tom religioso e lírico aos poemas que as seguem. Uma seção final (a quinta), «Alfândega», contendo apenas um poema com o mesmo título, e sem epígrafe, é uma espécie de epílogo. O conteúdo de cada seção e do volume como um todo foi cuidadosamente organizado de modo a criar uma impressão de desenvolvimento linear, assim como uma estrutura externa essencialmente circular, como veremos.

A epígrafe de *Bagagem* é uma adaptação do «Cântico das Criaturas», de São Francisco de Assis, «a quem», diz a poetisa, «devo a graça deste livro». A canção de amor de São Francisco a todos os seus «irmãos» da natureza é transformada por Adélia numa celebração de louvor dirigida ao seu próprio livro: «*Louvai ao Senhor, livro meu irmão,* com vossas letras e palavras, com vosso *verso e sentido,* com *vossa capa e forma, com as mães de todos que vos fizeram existir, louvai ao Senhor.*» O tom dessas palavras de dedicatória nos faz prever a enorme vitalidade e amor à vida que enchem toda a obra.

A primeira seção, «O Modo Poético», é precedida de uma citação ao Salmo 126 mencionada no início deste estudo. A dualidade chorando-cantando nessa passagem sugere que da dor de semear advirá eventualmente a alegria da colheita, que a felicidade triunfará sobre o sofrimento. Na verdade, essa dualidade central de tristeza e felicidade (junto à solução final) constitui o tema principal de «O Modo Poético». O tema se desenvolve através do uso de três motivos principais que se alternam e são freqüentemente superpostos. A presença espiritual ou autobiográfica da poetisa, a voz de Adélia, que também dá unidade ao poema, é fundamental em todos os três, direta ou indiretamente.

O primeiro desses três motivos é ligado a experiências tanto pessoais como universais: a vida e a morte, o presente e o passado, a luta interior da poetisa entre as duas faces de sua personalidade. Poemas que tratam de assunto similar são agrupados e colocados de modo a sugerir um processo de crescimento e maturação humana que se intensifica mais e mais através da seção. Adélia começa por lembrar, do ponto de vista de sua própria vida no presente — uma vida de alegrias mas em que ao mesmo tempo ela se encontra existencialmente sozinha — sua infância e a morte de seus pais. Essas experiências são então apresentadas em termos mais universais, enfatizando a eterna repetição da vida. Em seguida Adélia passa a tratar de sua luta pessoal com a passagem do tempo e com a idade, um problema resolvido em um poema intitulado «Trégua». Após essa aceitação da mortalidade humana, temos uma série de poemas maravilhosos e límpidos que celebram a vida e evocam o passado, recriando a simplicidade da vida de família no interior. Esses poemas são cheios de cores e sons. Lentamente, contudo, Adélia introduz um elemento de metamorfose no qual a realidade se transforma como se fosse vista em um sonho. A aura de felicidade é simbolicamente maculada no poema «Atávica», no qual Adélia diz:

Mas eu vim para a cidade fazer versos
[tão tristes
que dão gosto, meu Jesus, misericórdia.
Por prazer da tristeza eu vivo alegre.

A sombra inicial de tristeza agora é a tônica de uma série de poemas sobre a morte. Da atmosfera de luto, contudo, emana esperança e a idéia de imortalidade através da poesia, como se vê no último verso de «Tarja», que diz:

A poesia, a mais ínfima, é serva da
[esperança

Finalmente tristeza e felicidade se equilibram, e a luta interior de Adélia é apresentada em termos psicológicos, nos quais ela vacila entre períodos de calma ou «normalidade», e períodos de nervosismo. A salvação dessa condição maníaco-depressiva pode vir de Deus, como ela afirma num dos últimos poemas, «De Profundis»:

Quando a noite vier a minh'alma
[ciclotímica
afundar nos desvãos da água sem porto,
salva-me.

Assim a seção termina com uma sensação de paz e de sabedoria íntima que, como Adélia escreve em «O Modo Poético», o poema final que tem o mesmo título da seção,

Muito maior que a morte é a vida.

(Continua)

(CAROLYN RICHMOND é professora no Brooklyn College (City University of New York)

Uma página esquecida de Raul Pompéia

Therezinha BARTHOLO

A Folha, periódico de Barbacena, Minas Gerais, em 27 de julho de 1893, publicou página em que Raul Pompéia descreve as emoções da festa de formatura na Faculdade de S. Paulo. O título *Recordações,* a data estampada abaixo dele — dezembro de 1890 — e o assunto sugerem tratar-se de evocação do escritor.

Apesar de ter feito a maior parte do curso em S. Paulo, onde ingressou na Academia de Direito em 1881, Pompéia formou-se no Recife. Na capital paulista, o jovem estudante tornara-se colaborador assíduo de periódicos acadêmicos, em geral combativos e humorísticos. Suas idéias abolicionistas e republicanas chocavam-se com o espírito conservador dos mestres, num momento em que a situação «se tornava cada vez mais tensa em S. Paulo, entre acadêmicos liberais, abolicionistas e o espírito reacionário da congregação. Como havia acontecido anteriormente, nesses desentendimentos entre professores e alunos, a solução que se apontava aos prejudicados era o caminho da Faculdade do Recife. Incompatibilizados com os mestres de São Paulo, cerca de noventa e quatro acadêmicos vão concluir o curso às margens do Beberibe. Pompéia segue entre eles» — como informa Brito Broca em seu livro *Raul Pompéia.*

No ano seguinte, a notícia da formatura do autor d'*O Ateneu* é publicada no Rio de Janeiro. Veja-se *A Semana,* de 7 de novembro de 1885: «Tomaram o grau de bacharéis em Direito no Recife e chegaram, há dias, a esta Corte, os Srs. Raul Pompéia e Alberto Torres, dois moços de muito talento, que em S. Paulo fizeram brilhantíssima figura. O primeiro dos novos *doutores* é muito conhecido, mesmo nesta capital, pelos seus escritos e, em roda mais limitada, pela sua notável habilidade de caricaturista e burilador de estatuetas graciosas. Alberto Torres é poeta melodioso e prosador correntio e ameno. / Do primeiro tem *A Semana* publicado alguns trabalhos; do segundo será inserido brevemente um artigo, que certamente não será o único. Parabéns aos nossos jovens colaboradores».

Leia-se, a seguir, a página de Pompéia, que ele assinou apenas com o prenome, Raul. Eivada de romantismo, mas nem por isso destituída de espírito de observação, foi recolhida no periódico da cidade mineira.

«RECORDAÇÕES

Dezembro de 1890.

A academia estava em festas. Era o dia brilhante da colação de grau aos bacharelandos; música, fogos, flores, convivas, todos esses elementos de alegria ornavam e movimentavam a velha Faculdade de S. Paulo — de cujo ninho sagrado tantos homens de nota se tinham evolado gloriosamente para a celebridade, por entre as fanfarras retumbantes do povo agradecido...

Nós éramos oitenta, talvez.

Alguns, mais felizes, viam no círculo luminoso das senhoras — a velha mãe, risonha e trêmula, sobraçando um *bouquet* de flores perfumoso e artístico, e, ao lado, a irmã com o seu mais querido vestido de luxo e ainda, também, num ponto mais iluminado e refulgente, a noiva gentil, timidamente ufanosa daquele dia faustoso em que o seu noivo, de casaca e claque, recebia forças e alentos para as lutas iniciais da vida prática, a cujo pórtico rebrilhante, entrariam de braços dados cantando o hino festival do amor!

Outros, mais modestos, tinham, apenas, o círculo de seus parentes, o pai viúvo trajando de luto, ou os tios afetuosos que também não se esqueciam de marcar-lhes aquele dia célebre com a oferta de dádivas preciosas ou livros do *Garraux* em luxuosa encadernação, ou alguma jóia de valor, átomos cintilantes a recordarem perpetuamente aquela data inesquecida.

Havia-os também que, apenas, recebiam os mimos, abraços e os parabéns dos colegas, com uma profusão de flores — que são essas flores bem amadas, os votos de ventura que nos oferendam corações sinceros e leais.

Mas, de súbito, no meio daquele tumultuar de alegrias, de lágrimas de ouro de ventura, de votos que bem se desejaria logo se cristalizassem numa dourada realidade, esvoaçava, assim como uma nuvem negra em límpido firmamento, uma lembrança pungitiva de companheiros caídos silenciosamente no longo estádio percorrido...

Em cada coração soluça, então, uma voz dolente: e sobre as campas, de rosas coroadas, que as andorinhas andam enfestando com seus chilreados rumorosos, desfolham-se as flores da saudade diluindo-se numa inextinguível chuva de flocos, a envolver a grinalda de flores imorredouras — as lembranças indizíveis e as últimas palavras de afeto de todos que se vão, um a um, partindo mar em fora desse tormentoso oceano da vida!

Raul».

Na crônica, a festa se passa na Faculdade de S. Paulo. Se a data «dezembro de 1890» corresponder ao momento em que foi escrita, trata-se de página de saudade revivida cinco anos depois da colação de grau do escritor. Como a formatura se realizou no Recife e a família de Pompéia, muito retraída, residia no Rio, é de presumir-se que nenhum membro dela tenha estado presente à solenidade. Será adiantar demais supor que, em *Recordações,* Pompéia se sentisse incluído no grupo de bacharelandos «que, apenas, recebiam os mimos, abraços e os parabéns dos colegas, com uma profusão de flores — que são essas flores bem amadas, os votos de ventura que nos oferendam corações sinceros e leais»?

Tudo são conjecturas, pois nem se sabe se houve festa por ocasião da formatura do escritor. A página, entretanto, mostra uma vez mais o observador sensível: Pompéia descrevendo os variegados sentimentos que envolvem a alegria dos estudantes em festa de formatura.

(Rio de Janeiro/RJ)